

*morabitanos*

### As primeiras moedas de ouro de Portugal

A considerarmos os "célebres morabitanos de Braga" como falsificações do século XIX, não restarão dúvidas de que as primeiras moedas portuguesas de ouro (de que há notícias fidedignas) são os morabitanos de D. Sancho I.

Ao contrário do que sucede com a documentação castelhana (de 1172) e leonesa (de 1177), aludindo às emissões em ouro dos respectivos reis, o codicilo ao testamento de D. Sancho I, embora mencionando os referidos morabitanos, não oferece as explicitações de que necessitaríamos como bases sólidas de sustentação do rigor que esta matéria exige, nomeadamente quanto à datação exacta das cunhagens em causa. Porém, não será descabido admitir que as primeiras emissões de morabitanos com o nome de D. Sancho I tenham sido ordenadas entre 1185 e 1188.

Estas referências não afastam a hipótese, ainda que bastante remota, de D. Afonso Henriques ter cunhado moedas de ouro. O problema quanto a essa vaga possibilidade tem a ver com o preenchimento do vazio que existe acerca do assunto. Não há qualquer documentação coeva de suporte, nem nenhum numisma de inequívoca autenticidade que o comprove. De resto, a moeda de ouro (morabitano de Braga), recentemente atribuída a D. Afonso Henriques (no Catálogo de Alberto Gomes de 2003), não passa de uma aberração. Com efeito, bastam algumas noções básicas de numismática para perceber a impossibilidade do exemplar em causa ser autêntico. A arte monetária é extremamente conservadora. Caso D. Afonso Henriques tivesse mandado cunhar morabitanos com uma letra monetária, assinalando a sua origem (como se verifica nos "espécimes de Braga"), o mais acertado seria pensar-se que seu filho o seguisse nessa metodologia. Ora, não só os morabitanos de D. Sancho I (são conhecidos cerca de oito dezenas) não têm qualquer letra respeitante à casa emissora, como a verdade é que só a partir do reinado de D. Fernando esse procedimento foi adoptado em Portugal.

A inexistência da chamada assinatura monetária nos espécimes cunhados em Portugal, até ao reinado de D. Fernando, dificulta, sobremaneira, qualquer estudo que vise a atribuição das emissões à respectiva origem, tanto mais que a produção mineira de Portugal, na Idade Média, foi extremamente escassa. Na realidade, as cunhagens, especialmente de moedas de ouro, resultaram de despojos de guerra, de importações ou de compras no mercado interno, tanto a comerciantes, como a particulares.

A avaliar pelo número de exemplares que chegou até aos nossos dias (cerca de uma dezena), bem como pela documentação coeva a eles respeitante, as emissões de morabitanos do reinado de D. Afonso II foram bem mais escassas do que as de D. Sancho I.

A segunda denominação monetária portuguesa em ouro é a dobra. Embora Fernão Lopes mencione a sua produção no reinado de D. Pedro I, avançando, inclusivamente, que o seu lavramento foi processado em ouro fino, nenhum exemplar deste espécime (com o nome do referido monarca) chegou aos dias de hoje. Manuel Severim de Faria assegurou ter possuído uma dobra do "rei justiceiro". Infelizmente, não existe qualquer rasto do espécime em causa.

Coube a D. Fernando a grande reforma metrológica e tipológica das moedas portuguesas da Idade Média. Cunhadas em ouro, são conhecidas as seguintes espécies fernandinas: dobras pé terra, meias dobras pé terra e gentis.